

Rayssa Castelo Branco*

O direito é o grito vazio, que aprisiona e emudece,
Venda os olhos, não escuta, tranca portas, cerra celas,
Caminha entre o sangue, as mortes, algemas e velas,
Muralha enterrada, que nas próprias pedras apodrece.

Na poesia ilusória das leis e princípios, esmorece,
Diante dos ternos caros, envereda, é forte sentinela,
Porém aparta, silencia, persegue e mata nas favelas
E, de repente, a foragida e digna justiça desaparece.

Corrompe, violenta, condena ao fim e à solidão
Àqueles a quem o direito não foi jamais destinado
Sujeitos sem nome, sem destino, os sentenciados.

E, numa eterna prisão, estes seguirão calados
Por onde a justiça é a mais longínqua ilusão,
Escondida e velada nas letras da Constituição.

*Graduanda do quinto período do curso de Bacharelado em Direito, da Universidade Federal do Acre (UFAC), campus Rio Branco. Atuante em pesquisas e grupos de estudos acadêmicos com ênfase em Direitos Humanos e na democratização do direito. Membro da diretoria do Centro Acadêmico de Direito. Monitora do projeto de extensão "Clube de Debates do Centro Acadêmico de Direito da Ufac".

Justificativa: Poema escrito como uma forma de crítica ao elitismo no sistema judiciário e à escassez de preservação de princípios fundamentais previstos na legislação, tais como a isonomia e tratamento paritário a todos os cidadãos. Depreende-se que, as normas vitais existentes na lei aludem à garantia de direitos que, na prática, são negligenciados pelo poder estatal e pelo próprio direito brasileiro.